

“SABOR DE QUÍMICA”, DE RONIWALTER JATOBÁ, E “DENTE DE OURO”, DE RUBENS FIGUEIREDO: DUAS EXPERIÊNCIAS DE MIGRAÇÃO E TRABALHO RELIDAS PELO PRISMA DO MATERIALISMO LACANIANO

“SABOR DE QUÍMICA” BY RONIWALTER JATOBÁ AND “DENTE DE OURO” BY RUBENS FIGUEIREDO: TWO MIGRATION AND LABOR EXPERIENCES REVISITED THROUGH THE LENS OF LACANIAN MATERIALISM

Rafael Lucas Santos da Silva¹

RESUMO

Roniwalter Jatobá e Rubens Figueiredo são escritores muito distintos em termos estéticos e temáticos, porém percebemos que surge uma semelhança, específica entre duas narrativas, acerca da configuração da representação dos efeitos causados pelo movimento migratório na vida de dois protagonistas. Em virtude dessa identificação, o presente ensaio tem como objetivo criar uma leitura comparativa entre as narrativas “Sabor de química” (1976), de Roniwalter Jatobá, e “Dente de ouro” (2006), de Rubens Figueiredo, tendo o Materialismo Lacaniano como ancoragem teórico-crítica. As experiências ficcionais dos protagonistas das narrativas revelam experiências de migração marcadas por sofrimento, desamparo e precariedade, a partir das quais buscamos evidenciar que estes contos possuem em comum um universo imaginário orgânico, com visões de mundo que apontam para horizontes análogos, cuja ressonância intertextual forma um esquema estético reflexivo sobre a dimensão simbólica e subjetiva do processo de modernização autoritário e desigual da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Literatura Brasileira contemporânea; Materialismo Lacaniano; Trabalho; Os pobres na literatura.

ABSTRACT

Roniwalter Jatobá and Rubens Figueiredo are writers who are quite distinct in terms of aesthetics and themes. However, we perceive a specific similarity between two narratives concerning the representation of the effects caused by migratory movement in the lives of two protagonists. In light of this identification, the present essay aims to

¹Doutorando em Letras, na área de Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), em Maringá, PR, Brasil. E-mail: i3rafael@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1245-8284>

create a comparative reading between the narratives "Sabor de química" (1976) by Roniwalter Jatobá and "Dente de ouro" (2006) by Rubens Figueiredo, with Lacanian Materialism as the theoretical-critical anchor. The fictional experiences of the protagonists in these narratives reveal migration experiences marked by suffering, abandonment, and precariousness. From these experiences, we seek to highlight that these stories share a common imaginative universe with worldviews that point to similar horizons. Their intertextual resonance forms a reflective aesthetic framework regarding the symbolic and subjective dimensions of the authoritarian and unequal modernization process of Brazilian society.

Key words: Contemporary Brazilian Literature; Lacanian Materialism; Labor; The Pools in Literature.

Artigo recebido em: 15/09/2023

Artigo aprovado em: 06/06/2024

Artigo publicado em: 14/06/2024

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v11iEsp.Dossie.5029>

1 UM DÉFICIT LITERÁRIO E SUAS EXCEÇÕES

“A percepção ideológica atual é que o trabalho em si (o trabalho manual em contraposição à atividade ‘simbólica’), e não o sexo, tornou-se o lugar da indecência obscena que é preciso esconder do olhar do público”. Esta afirmação, pouco conhecida do filósofo esloveno Slavoj Žižek (2018, p. 96), possui o mérito de destacar bem um impasse estético contemporâneo, como uma rasura do horizonte simbólico capaz de efetivar um déficit esmagadoramente desconcertante.

Em face disso, Žižek (2018) vai considerar que “essa invisibilidade” estética propicia que “o Ocidente pode se dar ao luxo de falar no ‘desaparecimento da classe operária” (ŽIŽEK, 2018, p. 96). Essas asserções suscitadas pelo filósofo esloveno são achados analíticos muito significativos, a partir dos quais podemos cotejar contrastivamente no que se refere à representação literária.

Vecchi (2014), por exemplo, considera constituir “um exercício tortuoso encontrar no contexto brasileiro” a presença “do mundo do trabalho” na produção

literária (VECCHI, 2014, p. 134). Na afirmação do autor está condensado um importante índice do campo literário brasileiro contemporâneo, que é a drástica ausência do trabalho como fundamento para escritores e escritoras construírem imagens, personagens, enredos, estruturas narrativas.

Essa é também a conclusão a que chegou Dalcastagnè (2021), em suas pesquisas centradas nas “perspectivas sociais” contidas na literatura brasileira contemporânea. Ao constatar que os personagens, sejam homens ou mulheres, costumam não estarem inseridos em um “espaço profissional” nem possuem “relações profissionais”, a pesquisadora destaca que “é como se o trabalho – com todo o seu universo [...] não fosse um tema digno para a literatura”, uma vez que o campo literário brasileiro contemporâneo não incorpora “o trabalho e os trabalhadores entre os seus protagonistas” (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 127).

Os diagnósticos dessas ausências não se restringem apenas à esfera estético-discursiva da representação literária. A fratura e destruição das determinações representacionais da produção literária retira a própria potencialidade e reconhecimento do exercício simbólico do poder e dos processos de subjetivação, uma vez que concordamos com Rancière (2005) que a “formas de visibilidade das práticas da arte” estão entrelaçadas intrinsecamente com a política, implicando, nesse sentido, que

[...] o sistema das formas a priori determinando o que se dá a sentir. É um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência. A política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo. [...] A questão da ficção é, antes de tudo, uma questão de distribuição dos lugares [...] de saída comprometidas com um certo regime da política, um regime de indeterminação das identidades, de deslegitimação das posições de palavra (RANCIÈRE, 2005, p. 16-18)

Assim, a matéria do trabalho ao ser deslegitimada ficcionalmente, sendo uma “indecência obscena que é preciso esconder do olhar do público” (ŽIŽEK, 2018, p. 96), abre-se um vazio na injunção de novas formas de subjetividade.

Se a grande maioria dos escritores contemporâneos se furtam em figurar personagens trabalhadores para a construção de suas narrativas, então é preciso estarmos atentos com aqueles que fogem à regra e ensaiam um movimento diferente, como constitui o caso dos escritores Roniwalter Jatobá e Rubens Figueiredo, cujos discursos ficcionais elaboram e problematizam temas referente às experiências do trabalho, violência e opressão. Encenar o drama da marginalidade social, com um recorte ficcional de sujeitos anônimos, subalternos com suas existências condenadas ao descarte, elaborando esteticamente a tensão de uma lógica social arbitrária e iníqua, constitui, assim, uma das linhas mestras que pode ser apreendida do conjunto de produção artística desses dois escritores.

As duas narrativas elegidas para interpretação — “Sabor de química” e “Dente de ouro” — possuem pontos nodais de contato que envolve o registro e modalidades específicas de representação, sendo possível, assim, apreendermos visões de mundo que também apontam para horizontes análogos, que serão evidenciados via Žižek, filósofo esloveno que articula Teoria Política e Psicanálise, para atuar, entre outras, nas áreas da Crítica Cinematográfica e Estudos Culturais. Trata-se, assim, de um trabalho de cunho bibliográfico e qualitativo, cujo aporte teórico-crítico principal é o Materialismo Lacaniano.

A perspectiva diegética de ambas narrativas focalizam as experiências de migração de seus protagonistas, que abandonam suas cidades visando uma empreitada de possibilidade de melhorias socioeconômicas, tendo, todavia, seus projetos frustrados; e ao terem o desvanecimento de suas esperanças de escaparem da pobreza, retornam para suas respectivas cidades de origem.

A situação dos personagens é de desamparo e paralisia diante da falência desse projeto de migração. Esse aspecto envolvido no problema da posição social dos

protagonistas das narrativas tem correspondência no plano da realidade histórica. Conforme indica Fontes (2004), os fluxos migratórios “de trabalhadores das regiões rurais para as cidades é um dos fatos marcantes da história social brasileira na segunda metade do século XX”, destacando, ainda, que “entre 1950 e 1980, estima-se que mais de 38 milhões de pessoas saíram do campo, alterando profundamente o perfil socioeconômico do país” (FONTES, 2004, p. 365).

No entanto, a composição das narrativas não se reduz ao problema da representação estática de dados referenciais, sendo que o drama dessas personagens é apreendido em formas de estruturação de experiências, possibilitando compreender como subjetividade e a ordem simbólica emergem na interface entre individualidade e vida social. A atenção à imbricação entre esses dois modos de regulação de um processo de sujeição constitui uma característica da vertente teórico-crítica do Materialismo Lacaniano, tendo em vista que visa a explorar a influência da economia libidinal em esferas individuais e sociais (SILVA, 2009).

O que ocorre na trajetória desses personagens para que a experiência da migração fosse psiquicamente destrutiva? Como as formas de trabalho em que os personagens são inseridos coordena as modalidades de constituição de suas subjetividades, que podem se relacionar ao processo de modernização autoritária e desigual da sociedade brasileira? Ao sermos movidos por essas e outras indagações, e munidos do instrumental analítico do Materialismo Lacaniano, o presente ensaio está orientado pela hipótese de que essas experiências de migração culminam com uma “intrusão do Real traumático que perturba a trama simbólica” (ŽIŽEK, 2016, p. 161), tanto a nível da constituição subjetiva dos protagonistas, devido a exploração psíquica e processos de violência sistêmica e simbólica nas disposições de seus regimes de trabalho, quanto também à nível da comunidade das suas respectivas cidades de origem, quando se deparam com o retorno deles como experiência que dissolve as unidades imaginárias das expectativas de sucesso e prosperidade do empreendimento migratório, implicando na exclusão intersubjetiva.

2 “PRA ONDE IR A NÃO SER SÃO PAULO? EM SÃO PAULO FALAVAM DE SERVIÇOS, PRA QUALQUER IDADE, EM QUALQUER TEMPO, OFERECIDOS”

Os protagonistas das narrativas “Sabor de química” e “Dente de ouro” se encontram em São Paulo desde o início das perspectivas diegéticas. A expressão que dá título a esta seção, retirado da afirmação de um personagem de Jatobá (2016), indica exatamente as expectativas que esses protagonistas geraram em seus Imaginários para realizarem suas migrações, tendo São Paulo como um importante polo de atração como possibilidade de conquistas econômicas, em um período que “o desenvolvimentismo prometeu incorporar ao mundo do salário e da cidadania a população relegada, com cujo pouco preço e muita esperança contava para conquistar um lugar para o Brasil entre as nações adiantadas” (SCHWARZ, 1999, p. 154).

Em “Sabor de química” temos um discurso narrativo autodiegético, desenvolvendo-se a partir de um personagem que assume a enunciação na posição de narrador e protagonista. Embora isso poderia imprimir à narrativa um tom subjetivo, a ênfase não incide sobre a vida interior; estabelece-se registros de pequenos eventos que esse narrador-personagem presencia, principalmente no que se refere ao seu emprego, os quais balizam a movimentação desse protagonista na dinâmica social. Como um modo de ressaltar esse aspecto, esse narrador-personagem não se identifica durante a perspectiva a perspectiva diegética, se mantém anônimo, como se os eventos ocorridos poderiam ser enunciados por qualquer outra pessoa.

Notamos uma distância entre o tempo da narração e o tempo da história narrada, situada no passado em relação ao momento da enunciação. Com isso, percebemos o esforço desse narrador em fazer uma organização coerente dos elementos narrados, de forma linear. Aspecto que se altera quando a narração se aproxima do clímax da perspectiva diegética, havendo uma perda da concatenação mais lógica dos fatos, sendo enunciados com uma espessura mais superficial.

O conto se inicia com o narrador-personagem recebendo grave repreensão da dona da pensão em que vive. Ele ainda está na metrópole, mas o que a perspectiva diegética consiste em indicar que são os últimos dias, com o surgimento da necessidade de retornar à sua cidade de origem. A cena apresenta o estado deplorável em que se encontra, em um espaço (quarto) que prevalece a sujeira e imundície: “Tinha chovido um pouco de manhã, nem presenciei. Fui jogado fora da cama, sol no meio do céu, pelos gritos da mulher que arrumava o quarto da pensão, reclamando da sujeira, bagas de cigarro, molambeira, uma imundície” (JATOBÁ, 2016, p. 179).

Esse estado já se difere do modo como vivia anteriormente. Após a repreensão, fez a “troca de roupa e saí o mais rapidamente, ligeiro, para não criar caso” (JATOBÁ, 2016, p. 179). O atrito, com a conseqüente necessidade de escapar “ligeiro” da pensão, indicando desleixo na vestimenta, leva o narrador-personagem a lembrar dos tempos que possui uma posição mais confortável e “alegre”:

Na porta do bar, bem perto, em frente, gente parada dentro, arrodando as mesas, balcão; alguns como se estivessem na espera. Chegava. Calça lustrosa, vinco em pé, camisa aberta nos peitos, me abanando. Alegre, festeiro, como todo domingo, faça sol faça chuva. [...] Cheirando a cheiro Diamante Azul comprado às pencas, cabelo englostorado, meio penteado às pressas, mas bem cuidado, aparadinho. Sapato espelhado. Era assim mesmo (JATOBÁ, 2016, p. 179).

Uma posição que é de relativa pobreza, mas que se caracterizava melhor do que a atual situação. Assim, esse encadeamento da cena inicial com a lembrança demarca as atribuições do narrador-personagem, com grande dificuldade para o sustento.

O motivo disso é o adoecimento provocado pela insalubridade da fábrica que trabalhava, que pertencia às indústrias de química. É lembrado que, desde o início, o serviço era prejudicial: “serviço de química de sair no fim do trampo tateando pelas paredes, água escorrendo pelos cantos das vistas que parecia com choradeira” (JATOBÁ, 2016, p. 180). A insalubridade atrelada à precariedade transforma o trabalho praticamente em uma câmara de gás, aumentando o mal-estar:

Começou uma tosse comprida. Revirei no meio da noite, o peito estufado querendo explodir, me torturando. Como labaredas: queimando o pulmão, subindo na carne do corpo, descontando os que nem dor de cabeça aparecia. Se chovia, esfriava, pior. Imaginei, até, no começo, que era mania. Mas não. Dor angustiada de morrer, longe de tudo, sozinho. Espantei esse pensamento (JATOBÁ, 2016, p. 181).

A constante exposição à reagentes químicos, atrelado ao ritmo extenuante de trabalho, causa uma devastação física e psíquica neste narrador-personagem.

Uma forma de emprego que comparece em outras narrativas de Jatobá, como em “nos olhos, gazes e batatas” e “Odília”. Neste último, a narradora-personagem Odília expõe que o esposo adquiriu distúrbios mentais em poucos anos de trabalho na fábrica de química:

Lembro do meu homem que a fábrica de química em tão pouco tempo, cinco anos por muito, definiu como um trapo ou pano de prato de fustão ruim que se gasta no trabalho diário e caseiro. [...] eu vou continuar sonhando com uma saúde melhor de Martiniano ou mesmo sua morte, às vezes me cansa o viver, é dolorido na gente o sofrimento de um morto-vivo. Ele parece criança agora. Novo ainda. Criança no pensamento, homem na desenvoltura: criança na franqueza do corpo, homem no sofrer (JATOBÁ, 2016, p. 1153).

O ocorrido foi “lá em São Miguel”, conforme relatado por Odília, indicação que, em plano histórico, corresponde à famosa Companhia Nitro-química, fundada em 1935 em São Miguel Paulista, que produzia, entre outros produtos, ácido sulfúrico, tintas e sulfato de sódio. Fábrica para qual provavelmente o protagonista de “Sabor de química” também trabalhava, promovendo, assim, um entrelaçamento entre tempo histórico, trabalho e formas subjetivas.

Mesmo com o mal-estar, o personagem permanece trabalhando na fábrica, o que lhe causa uma intoxicação. A debilitação da saúde física intensifica o sentimento de desamparo do narrador-personagem: “Senti que definhava, gosto de química no céu da boca, amargoso como fel, sentido o quebrante do corpo, fraqueza na cabeça,

tremura nas pernas. [...] Tossi até o ponto em que os olhos choraram, que não pude diferenciar se pelo esforço ou pela amargura e solidão (JATOBÁ, 2016, p. 181).

Ocorre, então, que a debilitação física se transforma em uma invalidez permanente para o trabalho. Diante disso, começa a receber uma espécie de indenização: “por motivo de não poder mais trabalhar me empurraram no instituto. Uma pensão em dinheiro que não dá nem para o vício. Imagine. Pois é” (JATOBÁ, 2016, p. 182).

A indenização representa um aumento da precarização das condições de sobrevivência, conforme pontuamos inicialmente. Situação que implicará o retorno à cidade de origem, com o sentimento de culpa e revolta pelo fracasso. Por sua vez, como desfecho do conto a comunidade de origem não vai lhe ofertar suporte, levando-o a se deparar com a indiferença e desagregação nas relações intersubjetivas: “Todos aqui me conhecem, repito. Só que, agora, quando passo, chegando, arrastando pelo asfalto esse chinelo roto e desfiado, mudam de rumo das vistas e fazem que não existo. [...] Não escutam. Debocham” (JATOBÁ, 2016, p. 182).

Assim, propomos que para este narrador-personagem se desvaneceu a dimensão que sustentava a realidade Simbólico/Imaginária, possibilitando a intrusão do Real. Conforme pontuado por Silva (2009), o Real pode irromper na vida do sujeito através de um evento traumático, “seja ele físico ou psicológico. No momento em que isso acontece, a vida perde sentido, por assim dizer, os laços simbólicos desatam, deixando que mergulhemos no caos” (SILVA, 2009, p. 213).

Vemos uma integração precária no mercado de trabalho, que de início trazem satisfações, como expressado no conto “Sabor de química” e também, por exemplo no conto “A fábrica”, no qual o narrador destaca que a “fábrica cada dia mais se alargando como teia de aranha, pegando os viajantes chegados de carteira em branco”, os quais “achavam o trabalho até bom, pois, de onde eles chegavam, diziam, não temos nem onde cair morto” (JATOBÁ, 2016, p. 67).

Dessa forma, quase sempre uma primeira impressão que a promessa e expectativa de prosperidade poderá se cumprir, como apreendemos, por exemplo, da afirmação de um funcionário do conto “Trabalhadores”, ao expressar que: “— o trabalho é corrido, é. Mas lá onde a gente morava é só miséria, aqui é mesmo que tá dentro do céu” (JATOBÁ, 2006, p. 58).

O desmanche desse horizonte de expectativas é sempre rápido, resultando no desamparo, sem plausibilidade de projetar possibilidades de melhoria de vida, tornando, assim a experiência na metrópole inóspita e opressiva, conforme passagem bem representativa do conto “Domingo tem cinema”, no qual o protagonista revela o seu temor individual diante as incertezas mobilizadas pelos sumos de subcontratação e trabalho precário:

[...] a gente perde o gosto pelas coisas, vai definhando, se acomoda num canto, só não chora porque é feio. Mas que dá vontade, isso dá. [...] Uma vontade de gritar, se arrenegar de muita coisa, agora é tarde, não, não dá mais. A gente também tem vergonha na cara: voltar dessa terra com um pé na frente, outro atrás, de mãos abanando, esconjuro. Tem que se aguentar, de qualquer jeito, ir levando com a graça de Deus. Mas tem horas que o nó chega ao peito, sobe pela garganta, atravanca tudo, sufocando (JATOBÁ, 2016, p. 104).

Essa passagem é significativa, apresentando sentimentos que não é difícil inferir e concordar que são os mesmos do narrador-personagem de “Sabor de química”. Acreditamos, assim, que caracteriza uma modalidade de representação que subjaz em diferentes narrativas elaboradas por Jatobá.

Em entrevista concedida, Jatobá (in RICCIARD, 2008) indica que uma das suas preocupações temáticas é a relação entre migração e pobreza urbana:

Escrevo por necessidade, por vontade de mostrar alguns fatos, alguns momentos da História desse país. [...] Por exemplo: por que escrevo sobre imigrantes? Porque ninguém escreve. [...] No Brasil, poucos escritores pegaram essa classe desfavorecida e que é, inclusive, a maioria da população. Imagine que durante os anos 50, todos os anos, chegavam mais de 500 mil imigrantes em São Paulo para trabalhar (JATOBÁ *apud* RICCIARD, 2008, p. 433).

Essa posição de interesse é, de fato, flagrada em diversas narrativas, nas quais os protagonistas são imigrantes. Assim, essa inflexão autoral resulta em uma construção narrativa e um enfoque das ações narradas em que o narrador insiste em dar pleno destaque à oscilação entre esperança e desagregação social, como peça constitutiva de um curto-circuito nas dimensões simbólicas e imaginárias que sustentavam a crença da fantasia de realização do desejo de imigração. Aspecto que se confirma no conto “Sabor de química”, embora fique mais evidente no trecho supracitado do conto “Domingo tem cinema”. Por isso, vale retomá-lo, sucintamente, para amarrar com um nó nossa proposta interpretativa. Identifica-se nesse trecho uma proibição moral em relação à qualquer intenção de desistência de permanecer na metrópole, conforme apreendido nos sentimentos do personagem: “Uma vontade de gritar, se arrenegar de muita coisa, agora é tarde, não, não dá mais”, porém mesmo com esse sentimento, o personagem compreende que não pode retornar para cidade de origem, pelo menos não ainda pobre, conforme destaca ao expressar que “a gente também tem vergonha na cara: voltar dessa terra com um pé na frente, outro atrás, de mãos abanando, esconjuro. Tem que se aguentar, de qualquer jeito, ir levando com a graça de Deus” (JATOBÁ, 2016, p. 104).

Essa confissão de que precisa ter “que se aguentar, de qualquer jeito” implica uma inscrição no interior de uma rede simbólica em que a operação de “basteamento” (Žižek) advém da sua comunidade da cidade de origem, na qual pode-se inferir a noção de migração como significante-mestre, de igual forma ocorre no conto “Sabor de química”, embora o próprio narrador-personagem não tenha feito confissão tão explícita. Conforme esclarece Žižek (2017), o significante-mestre possui papel central no funcionamento de comunidades, embora “o significante-mestre que garante a consistência da comunidade é um significante cujo significado é um enigma para os próprios membros” (ŽIŽEK, 2017, p. 322).

Esse “enigma” mencionado pelo filósofo irá consistir no fato da distância entre a abstração simbólica e imaginária do que acredita-se conquistar na realização da

migração e o nível da experiência cotidiana de quem de fato foi para metrópole. Contudo, mesmo com a frustração contida na experiência de quem migrou (“a gente perde o gosto pelas coisas, vai definhando”), permanece uma Lei moral, que exige inexoravelmente a obediência ao desejo, mesmo indo contra seu próprio bem-estar, implicando em uma “arbitrariedade do significante”, no sentido argumentado por Žižek (1991) em que as experiências cotidianas empíricas não eliminam o “caráter arbitrário”, de modo que “o significante é arbitrário justamente porque não podemos sair dele, transpor a barra que o separa da realidade” (ŽIŽEK, 1991, p. 195).

Compreendemos, assim, um traço particular que imprime aos personagens uma constituição subjetiva frágil, levando a agudizar o desamparo e frustração na sua inserção em formas de trabalho precário, uma vez que, devido à arbitrariedade do significante-mestre, também não “pode se isentar da responsabilidade com respeito à rede simbólica que ‘sobretermina’ seu desejo inicial” (ŽIŽEK, 2017, p. 281).

Por isso, conforme o trecho supracitado o personagem revela a vontade de chorar, de desistir em ficar na metrópole, mas esconjura qualquer possibilidade de retornar para sua cidade de origem. Consideramos este enfoque analítico produtivo para compreensão de uma característica formal que dá o eixo para perspectiva diegética de diferentes narrativas de Jatobá. Uma variação dessa característica, é quando o personagem é obrigado a retornar à cidade de origem, por acidente de trabalho, como a narrativa “Tizil” e “Sabor de química”.

No caso da perspectiva diegética de “Sabor de química” o evento traumático decorre de processo de violência que estruturam a precariedade do emprego do protagonista. Conforme vimos anteriormente, houve um período inicial em que era “alegre”, mesmo com relativa pobreza; mas, com o avanço da intoxicação pelo gás e agravamento da saúde, “a vida perde sentido” como destacado por Silva (2009). O próprio narrador-personagem destaca isso, ao expressar que sentiu vontade de “morrer”, pois “acabou o gosto pelas coisas. Só ficou aquela aflição que sempre vinha devagar, devagarinho” (JATOBÁ, 2016, p. 182).

O evento traumático do adoecimento atinge proporções em conflito psíquico, principalmente ao retornar à cidade de origem, em decorrência pelo sentimento de culpa relacionado à operação de “basteamento” com o significante-mestre que pontuamos acima. Dessa forma, identifica-se também que, ao se ver fracassado na experiência migratória, o estilhaçamento do desejo tem o efeito de agudizar a espoliação psíquica, com a expropriação pulsional do “eu ideal” e o enrijecimento do “ideal do eu”, como um movimento psíquico contribuinte para intrusão do Real. Žižek (1992, 2010, 2011) esclarece que o “eu ideal” pertence à dimensão Imaginária, enquanto o “ideal do eu” pertence à dimensão Simbólica. Nesse aspecto, o “eu ideal” é o “ponto de onde o sujeito se vê sob a forma que lhe parece passível de ser amado” (ŽIŽEK, 1992, p. 71), porém isso é expropriado do narrador-personagem com o próprio fracasso em algo que esperavam o seu sucesso. Essa dimensão é expropriada porque acreditamos que o seu retorno à cidade de origem também provoca uma intrusão do Real, implicando, por sua vez, no processo de violência simbólica de exclusão.

Žižek (2011) destaca que o “ideal do eu” constitui “a agência cujo olhar tento impressionar [...] me força a dar o que tenho de melhor, é o ideal que tento seguir e concretizar” (ŽIŽEK, 2011, p. 106). Todavia, isto já é inviável, agora, que está invalido permanentemente. O enrijecimento que mencionamos acima implica “o sentimento de culpa excessivo”, que ganha essa proporção devido ao “supereu”, instância que “é o anverso do ideal do eu” (ŽIŽEK, 2011, p. 106).

O filósofo esloveno assinala que o princípio estruturador subjacente dessas três dimensões (supereu, ideal do eu e eu ideal) é a própria tríade lacaniana Real, Simbólico e Imaginário, posto que:

[...] o eu ideal é imaginário, o que Lacan chama de “pequeno outro”, a imagem dupla idealizada do meu eu; o ideal do eu é simbólico, o ponto da minha identificação simbólica, o ponto no grande Outro do qual me observo (e me julgo); o supereu é real, é a agência cruel e insaciável que me bombardeia com exigências impossíveis e zomba das tentativas fracassadas de cumpri-las, a agência a cujos olhos vou ficando mais culpado quanto mais tento suprimir

meus esforços “pecaminosos” e atender a suas exigências (ŽIŽEK, 2011, p. 106).

Com isso, identificamos presente cada dimensão (Real, Simbólico e Imaginário) presente no conflito psíquico do narrador-personagem. “Cu do mundo” é uma expressão grotesca do narrador-personagem para se referir à cidade de origem, revelando que essa necessidade de retorno relaciona-se ao Real em sua face insuportável, assim como ele também será uma intrusão do Real para a comunidade.

Quem também retorna para cidade de origem, após uma experiência fracassada de migração, e fica “marcado por um excesso aterrorizante” (ŽIŽEK, 2011, p. 38) para comunidade é Pedro, protagonista do conto “O dente de ouro” de Rubens Figueiredo (2006). O conto consiste em um discurso narrativo heterodiegético, cuja perspectiva diegética focaliza a trajetória precária de Pedro em uma sociabilidade em que se mistura a brutalidade de uma violência sistêmica e simbólica. Com a migração, Pedro se torna faxineiro e porteiro em prédio: “contratado como faxineiro num prédio residencial de dez andares, cabia a ele também cobrir as folgas do porteiro mais antigo” (FIGUEIREDO, 2006, p. 11). Desde o início, Pedro é subjugado à uma postura de “mínima contestação ou resistência”, sendo considerado pelo síndico e moradores do prédio como “lerdo ou até abobalhado” (FIGUEIREDO, 2006, p. 11). Condição que o leva a ter “cuidado para falar o mínimo possível, com medo do efeito do seu sotaque e dos erros” (FIGUEIREDO, 2006, p.15).

O espaço principal da narrativa é o prédio residencial, no qual Pedro trabalha e também vive, nos fundos, “num quarto de três metros por dois. A janela basculante dava para os carros dos moradores, na garagem” (FIGUEIREDO, 2006, p.15). Conforme muitos personagens de Jatobá, Pedro inicialmente também se contenta com a migração, em vista da situação de miséria em que sobrevivia na sua cidade de origem: “o chão de tacos lhe parecia um luxo, um milagre da sorte, assim como o chuveiro elétrico e a privada com descarga” (FIGUEIREDO, 2006, p. 15).

Toda narrativa é fortemente visual, centrando-se em sucessões de imagens para expor a precariedade material e psíquica do protagonista, bem como do ritmo extenuante de trabalho realizado, conforme a descrição da cena que remete à sua função de faxineiro:

Às oito horas, Perdo tinha de recomeçar a faxina nas escadas e lixeiras a partir do décimo andar, degrau por degrau, com desinfetante, estopa e escovão, até o térreo. O fedor do lixo não largava o chão, perto da boca das lixeiras. Moradores escarravam na escada, jogavam pela janela cascas de legumes e embalagens de manteiga, e elas melavam o vidro dos basculantes em locais que o braço esticado de Pedro mal conseguia alcançar (FIGUEIREDO, 2006, p. 20).

Ainda que passe e sofra as mais absurdas humilhações, o tom do narrador segue um padrão de uma naturalização desse ambiente precário e opressivo na rotina de Pedro. Focaliza-se as dificuldades e tribulações da relativa pobreza do protagonista, para ter como desfecho do conto o retorno de Pedro à cidade de origem, o qual aumenta o seu mal-estar, pois estava ciente de que não seria bem recebido em razão do seu fracasso. O narrador revela isso ao expressar que Pedro sabia que “o papel de pessoas como ele, agora, consistia em voltar com dinheiro, arrendar ou comprar um terreno” (FIGUEIREDO, 2006, p. 26).

Ao não ter essas possibilidades, assim como o narrador-personagem de “Sabor de química”, começa a ser desprezado pela comunidade. “Todos se apressassem em vê-lo como uma pessoa negligente, fraca — alguém que, por estupidez, se deixou ficar para trás”, destaca, com efeito, o narrador. Desprezo que é recebido também pelo próprio pai, quando este conhece o fracasso do filho: “o sinal de entusiasmo por reencontrar o filho logo minguou, quando ficou claro que ele não trazia nenhum dinheiro, que não havia enriquecido nem um pouco na cidade, e que, ao contrário, seria só mais um peso para eles e para todos” (FIGUEIREDO, 2006, p. 25).

Identificamos, assim, que esse desprezo, advindo da decepção com as expectativas de “enriquecimento”, é uma demanda da comunidade, que tanto na

narrativa de Jatobá (2016) quanto na narrativa de Figueiredo (2006) “funciona como imperativo superegoico, o que significa que constitui a ‘realidade’ simbólica do sujeito” (ŽIŽEK, 2017, p. 140). Esse desprezo, logo após toda a vida de opressão e humilhações como faxineiro e porteiro, será psiquicamente destrutiva, como a martelada final para o esmagamento da constituição subjetiva de Pedro, que buscará um comportamento visando “suspender o ‘grande Outro’, a realidade simbólica das obrigações sociais” (ŽIŽEK, 2017, p. 171).

O desfecho do conto é Pedro se tornando um maltrapilho, vivendo de esmolas e dormindo aos fundos e nos degraus da igreja da cidade. Interessante observar que para isso acontecer houve certa contribuição da própria comunidade, de modo que, nesse sentido, não adiantaria ele simplesmente relatar as humilhações sofridas, que suas economias foram roubadas. Partindo da perplexidade inicial da comunidade quando Pedro retornar, o narrador até expõe que

Alguns achavam que ele era bom, mas quase ninguém se arriscava dizer. Outros achavam que ele não passava de um imbecil, e esses não perdiam uma ocasião de falar no assunto. Outros, ainda, balançavam a cabeça e pensavam: como alguém pode ser tão incapaz? O monstro estava à solta (FIGUEIREDO, 2006, p. 28).

O que prevalece, conseqüentemente, é a falta de compreensão e amparo, conforme a situação do protagonista de “Sabor de química”. Um dos motivos é o próprio “grande Outro da instituição simbólica” (ŽIŽEK, 2016, p. 345). Sobre esse aspecto, o filósofo esloveno esclarece que

É disto, portanto, que se trata a eficácia simbólica: ela diz respeito a um mínimo de “reificação” em razão da qual não basta todos nós, os indivíduos em questão, sabermos um fato para que ele se torne operativo – “isso”, a instituição simbólica, também deve saber/“registrar” esse fato para que se sucedam as conseqüências performativas do ato de afirma-lo. [...] A “eficácia simbólica” diz respeito, portanto, ao ponto em que, quando o Outro da instituição simbólica me confronta com a escolha do “em que você acredita, na minha palavra ou nos seus olhos?”, eu escolho a palavra do Outro sem

titubear, abrindo mão do testemunho factual dos meus olhos (ŽIŽEK, 2016, p. 345-346).

Ou seja, compreendemos que a comunidade abre mão do testemunho diante dos seus olhos acerca de Pedro que retornou. Lançado à ruína, o que é descrito por último, como desfecho do conto, pelo narrador acerca de Pedro é que começou a ter uma espécie de ritual com as cabras na igreja: “Toda manhã, ele abria a porta da igreja, deixava as cabras entrarem e depois fechava” (FIGUEIREDO, 2006, p. 25). Assim, no parágrafo final expõe-se mais detalhadamente esse comportamento que Pedro assumiu:

Paredes, cabras, velas acesas, o mau cheiro das cabras e das roupas de Pedro — tudo se igualava. Formou-se aos poucos um rito comum, no qual, em vez de sacrifício, se prezava a digestão do que houvesse. Mas o ponto culminante para ele, se resumia em abrir e fechar a porta, receber e despedir-se das cabras. Um ritual tão completo que poderia dispensar a vinda mensal do padre, dia em que a igreja, cheia de gente, ficava irreconhecível, imprestável. E para comprovar como agora isso e tudo o mais era supérfluo e até irrisório, Pedro às vezes, quando estava só com as cabras, experimentava acrescentar, em pensamento, os extraterrestres, as criaturas do mundo subterrâneo, o plasma da última galáxia, onde os milhões de mortos vertiam suas magoas em um único lago gigantesco — e tudo o mais que ele pudesse inventar (FIGUEIREDO, 2006, p. 30).

Esse estranho comportamento tem como subjacente condições de sofrimento e desamparo extremos, advindos dos eventos traumáticos pelos quais passou, criando, assim, uma dinâmica “entre Imaginário e Real” (ŽIŽEK, 2015, p. 82). Com a ajuda do filósofo esloveno, compreendemos que esse comportamento exposto pelo narrado, indicado como um “ritual” cotidiano, será um “escudo imaginário” imaginário contra o encontro traumático com a realidade social, uma vez que nessa narrativa também podemos aquilatar uma expropriação pulsional do “eu ideal”. Por tanto, esse ritual com as cabras, e “inventar” relações com “criaturas do mundo subterrâneo” e “extraterrestres”, para Pedro possui a finalidade de ser uma “segurança imaginária

contra a brutalidade do Real da violência desregrada” que o atingiu (ŽIŽEK, 2015, p. 82).

3 “TÃO VAZIO DE ESPERANÇAS, TÃO OCO DE SONHOS”

Verificou-se, assim, que Jatobá e Figueiredo procuram dar representação ao conflito entre trabalho e pobreza e, com isso, um lastro de experiência comum nas narrativas “Sabor de química” e “Dente de ouro” tem por base o desamparo e sofrimento dos protagonistas, que não se constituem plenamente como trabalhadores, não são cidadãos e não se singularizam como sujeitos de direitos ao imigrarem.

O título dessa seção, retirado do conto “Trabalhadores” de Roniwalter Jatobá, expressa de forma contundente o desamparo que atinge muito dos seus personagens, que será também o desamparo de Pedro em “Dente de outro”, de Rubens Figueiredo. Um sentimento decorrente de uma desilusão profunda e uma frustração generalizada, atrelada à uma sociabilidade regida por uma lógica de exclusão e precarização, que vão se constituindo como linhas de força para o drama da migração dos personagens.

Ao definir as feições gerais das duas narrativas nas análises, foi possível apreender que “a natureza do Simbólico é estritamente secundária com respeito à tensão original entre Imaginário e Real” (ŽIŽEK, 2017, p. 169), no que se refere à condução da ênfase da dramaticidade do conflito na composição, quando ambos os escritores optam por ter como clímax e desfecho dos contos o estabelecimento do desprezo da comunidade pelo fracasso dos protagonistas.

É isto que chama a atenção, visões de mundo análogas, em que, nas duas narrativas, há representação tanto da experiência pessoal quanto da experiência da comunidade em relação ao fracasso da migração. Assim procedendo, parece-nos que as narrativas procuram problematizar uma conduta que desautoriza a própria experiência dos protagonistas. Note-se, a propósito, como as comunidades concebem os protagonistas como irresponsáveis, culpabilizando-os. No caso de Pedro, a

comunidade imediatamente começou a “vê-lo como uma pessoa negligente, fraca — alguém que, por estupidez, se deixou ficar para trás” (FIGUEIREDO, 2006, p. 27). Caracterização de juízos de desprezo, advindos de uma responsabilização unicamente individual ao fracasso do protagonista, que permite aos membros da comunidade considerarem que Pedro “não passava de um imbecil [...] balançavam a cabeça e pensavam: como alguém pode ser tão incapaz?” (FIGUEIREDO, 2006, p. 28).

Esses juízos de desprezo, que também se aplicam ao protagonista de “Sabor de química”, implicam, assim, que o fracasso de ambos decorreria de “fraqueza”, “incapacidade”, ou seja, de decisões individuais, ao invés de possibilidades práticas postas na sociabilidade. Um dos aspectos dessa questão, conforme pontuado acima, é a comunidade ter um funcionamento “superegoico” na constituição subjetiva dos personagens, aumentando os conflitos psíquicos dos protagonistas, uma vez que “a pressão do superego demonstra que efetivamente *somos* culpados de trair nosso desejo” (ŽIŽEK, 2010, p. 106, grifo do autor). Principalmente, para aquilatar esse aspecto, com a ajuda de Žižek, podemos propor que o fracasso como um significante sintomático, no sentido em que o “sintoma social” é o momento “em que o antagonismo social imanente assume uma forma positiva, penetrar na superfície social, o lugar onde se torna evidente que a sociedade ‘não funciona’” (ŽIŽEK, 1992, p. 125), no caso das narrativas, se torna evidente que a migração não funcionava, não é algo dissociado das possibilidades práticas postas pela sociabilidade. Será justamente isso que a comunidade não quer simbolizar, incidindo na “tensão entre Imaginário e Real” que pontuamos acima. Afinal, simbolizar dessa maneira já implica a comunidade reconhecer que o fracasso dos protagonistas não é de instância individual, o que, por sua vez, desmancharia a fantasia reguladora do significante-mestre. Conseqüentemente, considera-los “incapazes” será o modo da comunidade criar “uma barreira contra os encontros traumáticos com o Real, que perturbariam o precário equilíbrio” dos habitantes da comunidade (ŽIŽEK, 2017, p. 146).

Esse é um caminho cheio de “consequências políticas”, conforme assinala o filósofo esloveno, uma vez que “o campo político é caracterizado pela relação radicalmente ambígua dos sujeitos para com o núcleo do Real em torno do qual gira a vida de uma comunidade” (ŽIŽEK, 2017, p. 203). Essa linha de reflexão auxiliar esclarecer esses desfechos da narrativa, nos quais, e a partir das técnicas escolhidas pelos escritores que imprimem um tom de naturalização, parecem delegar ao leitor que faça uma reconstrução das humilhações dos protagonistas, ao invés de se contentarem com o papel correlato de *voyer* um tanto sádico, que se compraz com os julgamentos de desprezo da comunidade. Para evitar essa posição, a utilidade de Žižek é importante, tendo em conta que o último passo citado relaciona-se com a concepção zizekiana de que “o campo sociossimbólico é concebido como um campo estruturado em torno de uma determinada impossibilidade traumática, de determinada fissura que *não pode* ser simbolizada”, sendo que, em vista disso, é “o núcleo traumático do antagonismo social que distorce a visão que os membros da tribo têm do verdadeiro antagonismo” (ŽIŽEK, 2017, p. 263, 331, grifo do autor).

A dinâmica social palpável nas linhas da intriga e perspectiva diegética que possibilita a plausibilidade de seguirmos esse caminho é porque está pressuposto na realização da migração dos protagonistas consiste nos desejos e expectativas de melhoria de vida que a metrópole poderia possibilitar, atraindo-os como espaço em que suas mão-de-obra seriam melhor remuneradas. Ou seja, não decorre por condições extremas de seca, nem por questão explícita ligada à expulsão de propriedade. Levando em consideração o estudo de Singer (1998) sobre os fatores de migração, temos os “fatores de expulsão” e os “fatores de atração”, sendo este último a condição que certa região demanda por força de trabalho. Em ambos fatores estão “causas que são quase sempre de fundo econômico” (SINGER, 1998, p. 51), em que as desigualdades regionais causadas pela industrialização causam a migração, seja por fatores que atraem, seja por fatores que expulsam.

Em conformidade com o autor, é sobretudo dentro do “fator de atração” que a realização da migração é entendida como “oportunidades econômicas oferecidas pelo meio urbano industrial” (SINGER, 1998, p. 49), horizonte de expectativa que não se interpõe ao migrante quando o que acontece é ser “expulso da área devido o aniquilamento de seus meios de vida” (SINGER, 1998, p. 55). Cardoso (2019) sintetiza esse aspecto sobre a atração, ao expor que “os desgarrados do campo ou das vilas do interior do Brasil *não teriam* procurado as cidades se nestas o mercado de trabalho não tivesse sido ordenado e regulado, tornando-se atrativo e alimentando a utopia integradora dos direitos sociais e trabalhistas” (CARDOSO, 2019, p. 210, grifo do autor).

Portanto, a contradição implica na própria questão da migração. Somente com um Imaginário de que a metrópole possibilitaria “oportunidades econômicas” é que a comunidade pode julgar os protagonistas da forma como o fizeram, com uma “visão distorcida” (ŽIŽEK, 2017, p. 331) do que realmente acontece o processo efetivo social. A modalidade da representação que dirige a construção da narrativa está longe de ser irreduzível à ideia de falha de representação, pois os desfechos da narrativa não implicam em reduzir a problemática da figuração na desunião entre comunidade e protagonistas, ao contrário do que o leitor mais desavisado consideraria, ao perceber o tamanho da crueldade que a própria comunidade se propõe a tratar os protagonistas, conforme fica explícito pela voz narrativa do conto “Dente de outro”, quando expõe que, além de considera-lo “imbecil” e “incapaz”, estavam dispostos à “transformar Pedro em mendigo” (FIGUEIREDO, 2006, p. 28).

A estruturação dicotômica tensa e conflituosa entre comunidade e os protagonistas começa, assim, a ser aquilatada pelo próprio padrão de sujeição da comunidade ao Imaginário das “oportunidades econômicas da migração, quando, também seu desprezo já é uma sujeição ao grande Outro. Conforme Žižek (2017), o grande outro regula “efetivamente nossa fala e nossos atos”, sendo um modo “em que um poder externo intervém [...] e age através de mim” (ŽIŽEK, 2017, p. 254). O filósofo

esloveno argumenta que, “nesse sentido, a ‘desfetichização’ é equivalente à experiência [...] do grande outro barrado” (ŽIŽEK, 2017, p. 56). Articulando em relação às comunidades das narrativas, uma certa fantasia regula o Imaginário da migração, como encarnação da possibilidade de “enriquecimento”, fiscalizado pelo grande Outro, possibilitando que a “relação possível do sujeito com a estrutura é de uma alienação total” (ŽIŽEK, 2017, p. 38).

Abre-se um horizonte normativo que legitima o comportamento e os processos de interação social, atrelado à formas de violência, dentro da comunidade. Dessa forma, esperamos ter deixado evidente que estamos diante de processos de socialização que internalizaram psiquicamente contradições imanentes às dinâmicas de desenvolvimento econômico. As técnicas narrativas expressam isso, no mesmo sentido argumentado por Žižek (2014), em que “uma crise econômica que leva à devastação é experienciada como um poder incontrolável quase natural” (ŽIŽEK, 2014, p. 8).

Consiste, pois, em esquadro de violência sistêmica e simbólica, que atinge tanto os protagonistas, quanto a própria comunidade, contemplando a nosso ver essas dinâmicas de desenvolvimento econômico como o verdadeiro “núcleo traumático” que pontuamos anteriormente via pensamento zizekiano. Nessa abordagem, o interessa não está voltado em manifestações de violência “atribuída a indivíduos concretos”, corresponderia simples e meramente à violência física e direta, a qual é mais visível aos nossos olhos. Essa violência facilmente visível é apenas uma taxionomia das três — sistêmica, simbólica e subjetiva — que são estabelecidas pelo filósofo, que advoga por “desembaraçar-nos do engodo fascinante desta violência ‘subjetiva’ diretamente visível, exercida por um agente claramente identificável” (ŽIŽEK, 2014, p. 17).

Consequentemente, o enfoque é a violência “objetiva”, menos perceptível, pois se constitui “das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e de exploração” (ŽIŽEK, 2014, p. 24). A manifestação dessa violência “objetiva” ocorre

pelas vias da “violência sistêmica” e da “violência simbólica”, sendo que ambas muitas vezes se entrelaçam na trajetória dos protagonistas exposta pela voz narrativa.

A via da violência simbólica está “encarnada na linguagem e em suas formas”, implicando a “imposição de um certo universo de sentido” (ŽIŽEK, 2014, p. 18). Assim como já vimos com a comunidade que reproduz uma violência simbólica atribuindo o fracasso da migração à incapacidade individual e, dessa forma, uma culpabilidade muito atrelada à “um certo universo de sentido” das virtudes e valores burgueses de que por meio do trabalho constante, aplicado e racional sempre se obtém a ascensão social. No conto “Sabor de química”, o narrador-personagem descreve uma cena de violência simbólica, relacionada a formas de discurso sobre cidadania e trabalho. A cena específica é relatada a partir do momento de lazer no domingo, quando a polícia sempre aparecia no bar em que o narrador-personagem frequentava:

[...] dava umas voltas nas mesas verdinhas de sinuca rodeadas de gente, peruava um pouco sem caçar intriga, caçoava de um mais chegado, amigo se fosse. Olhava (nunca fui de taco) e me sentava de novo. Uns guardas se aproximavam procurando vadio. O pessoal se encolhia pelos cantos, receosos, ficam de pronto com a mão nos documentos, na profissional, pois identidade, diziam eles, é documento de ladrão (JATOBÁ, 2016, p. 180).

O aparecimento da polícia é sempre motivo de preocupação (“O pessoal se encolhia pelos cantos, receosos”). Mesmo não tendo praticado nada ilegalmente, é uma presença que faz “o pessoal” se intimidar, se encolher. Note-se a ênfase sobre a importância da carteira de trabalho (“pois identidade, diziam eles, é documento de ladrão”), aspecto que é uma “imposição de um certo universo de sentido” (ŽIŽEK, 2014, p. 18), conforme o filósofo esloveno definiu a violência simbólica, e que na narrativa pressupõe condições históricas e sociais específicas.

Para provar que não é “vadio” ou “ladrão”, precisa estar com a carteira profissional no bolso, exatamente como se caracteriza uma deficiência da trajetória da cidadania brasileira, que converge com a noção de “cidadania regulada” conforme

estudos de Santos (1979) e Cardoso (2019), no sentido em que a existência cívica estava atrelada com estar trabalhando de carteira assinada. De acordo com Santos (1979), a cidadania é formalizada pelo emprego formal: “os direitos do cidadão restringem-se aos direitos do lugar que ele ocupa no processo produtivo, tal como reconhecido por lei” (SANTOS, 1979, p. 75).

Assim, conforme a cena descrita em “Sabor de química”, não estar fichado na carteira, estando desempregado ou trabalhando de forma informal, ou somente não estar com a carteira profissional naquele momento, são excluídos de direitos, transformados em pré-cidadão, que, para a polícia que aparecia no bar, provavelmente era “vadio” ou “ladrão”. Uma forma, também, de controle ideológico, conforme indicado por Cardoso (2019), pois a carteira profissional era um passo importante da realização da “promessa de integração social”, possibilitando manter vivo” o sonho de autopromoção pessoal pela via do trabalho protegido pelo Estado” (CARDOSO, 2019, p. 237).

No caso de Pedro, uma violência simbólica que lhe imputa, inclusive, a culpa de ser demitido. Assim, pequenos lapsos de memória e a baixa de produtividade no exercício da função de faxineiro possibilitam que “um clamor de indignação cresceu entre moradores” (FIGUEIREDO, 2006, p. 22), atribuindo as ocorrências à “ignorância”, “lerdeza” e comportamento “abobalhado” de Pedro.

Com o ritmo extenuante de trabalho, exercendo duas funções, e desgaste físico e psíquico é esmagador, resultando em momentos em que “Pedro chegou a cair de sono, sentado no chão de um corredor, onde uma moradora o encontrou, com o braço apoiado na beira do balde e as pontas dos dedos mergulhados na água fria misturada com desinfetante” (FIGUEIREDO, 2006, p. 22). O trabalho não assegura uma vida digna, nem para Pedro e nem para o narrador-personagem de “Sabor de química”. Pedro também era sempre ludibriado em relação ao pagamento das horas-extras que fazia. Atrelado ao fato de sua alfabetização ser incompleta, “no fim do mês, o acerto de contas era confuso, Pedro se atrapalhava com os descontos, com as porcentagens”,

porém não fazia “a mínima contestação ou resistência”, devido “ao medo de reclamar à toa e fazer papel de bobo” (FIGUEIREDO, 2006, p. 11, 18). Situação em que flagramos o entrelaçamento da violência sistêmica com a violência simbólica.

Como salienta Cardoso (2019), a promessa integradora do direito social nunca se cumpriu para maior parte da população, permanecendo apenas como uma “consciência do direito a seus direitos” (CARDOSO, 2019, p. 239). Nesse sentido, encontramos a surpresa de Pedro, no conto “Dente de ouro”, ao se deparar que não tinha dinheiro nem mesmo para comprar a passagem de ônibus para retornar à sua cidade de origem, mesmo após muitos anos de trabalho realizado no prédio. Com a demissão, o primeiro sentimento não é outro senão que desespero e desamparo:

Sem perspectiva de arranjar outro prédio onde pudesse trabalhar e morar, sem parentes na cidade, Pedro se deu conta de que estava à beira de ir viver na calçada, como aqueles imundos que antes vinham lhe pedir dinheiro. Era esse o novo significado da fronteira que a portaria assinalava para ele, era esse aviso transparente inscrito na porta de vido entre o prédio e a rua. Pedro se fechava no seu cubículo, cravava os olhos no teto com tanta força que parecia querer, no rasto do olhar, fundir-se à argamassa, infiltrar-se inteiro no concreto da laje. Temia sair à rua até para ir à igreja (FIGUEIREDO, 2006, p. 23).

Dentro de um contexto de violência sistêmica, houve valores “descontados” indevidamente para diminuir “o custo da demissão” (FIGUEIREDO, 2006, p. 23), como índices dos desarranjos e calamidade de trajetórias que evidenciam o colapso da modernização, em que “no Brasil o assalariamento protegido pelo estado jamais se generalizou” (CARDOSO, 2019, p. 4).

No caso de “Sabor de química”, a violência sistêmica se exprimi pela condição insalubre do local de trabalho, ocasionando os problemas de saúde do narrador-personagem, que o deixou incapacitado permanentemente para o trabalho. Segundo Silva (2015), dentro do que foi possível computar estatisticamente, dados do INSS apontam que ocorreram mais de 27 milhões de acidentes de trabalho no Brasil, “entre 1970 e 1990, que deixaram quase um milhão de trabalhadores incapacitados

permanentemente e levaram cerca de 87 mil trabalhadores à morte” (SILVA, 2015, p. 216).

Onde havia um Imaginário de sonhos e promessas, se consolidou a pobreza, o desamparo e exclusão social, resultado de uma violência sistêmica, que visa “a criação de indivíduos excluídos e dispensáveis, uma violência que determina o que se passa na realidade social dos indivíduos imbricados em interações e processos produtivos” (ŽIŽEK, 2014, p. 26). Dessa maneira, a violência sistêmica possui presença marcante na trajetória dos protagonistas, desde as desigualdades regionais que os leva a desejar migrar para São Paulo, as fraturas da sociabilidade, o mercado de trabalho precarizado, a insegurança salarial, a falta de acesso à direitos sociais e a exclusão da cidadania. Uma violência sistêmica que “determina a realidade social” (ŽIŽEK, 2014, p. 26) dos protagonistas, em que nenhum ciclo de modernização os redime.

Conforme sinaliza Žižek (2014), a violência sistêmica “consiste nas consequências muitas vezes catastrófica do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político” (ŽIŽEK, 2014, p. 12). Para o caso da sociedade brasileira, esse aspecto pode ser balizado dentro do contexto do colapso do processo de modernização, que implicam formas regressivas de sociabilidade como índice da “impossibilidade crescente, para os países atrasados, de se incorporarem enquanto nações e de modo socialmente coeso ao progresso e ao capitalismo” (SCHWARZ, 1999, p. 160), principalmente se não esquecermos que são trinta anos que separam “Sabor de química” (1976) da publicação de “O dente de ouro” (2006).

De tudo o que foi exposto, é possível aquilatar que o trabalho possui uma dimensão destrutiva para saúde física e psíquica dos protagonistas, bem como constitui elemento estruturador importante da composição e enfoque narrativo dos dois contos estudados, que podem ser apreendidos como obras de realismo crítico complexas, entendo, na esteira de Auerbach (1991), realismo como “a representação da vida ordinária em forma severa, problemática e sobre um fundo histórico” (AUERBACH, 1991, p. 500). Esse “fundo histórico” é constituído por uma violência

sistêmica esmagadora, que produz uma integração precária no mercado de trabalho e um padrão autoritário de organização do processo produtivo e do uso da força de trabalho, ofertando precária liberdade e uma ausência de futuro na biografia dos protagonistas, — condições que trazem para perto a percepção do estado catastrófico da modernização à brasileira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva das narrativas estudadas é praticamente o “tema das ilusões perdidas”, no âmbito do trabalhador migrante pobre. Sonhos e esperanças se desmancham, e o que era o Imaginário de uma oportunidade econômica de melhoria de vida se revelasse com seu lado sombrio, uma ordem Simbólica saturada de precarização e violência sistêmico-simbólica, capaz de proporcionar um encontro traumático com o Real. Um desejo de migração que é ele próprio uma violência, surgido de desigualdades regionais e do estabelecimento de uma fantasia ideológica para atrair a força de trabalho migrante; desejos que se revelaram, na verdade, a própria argamassa da dominação que os subjugaram.

O fato de a matéria ficcional ser o trabalho não implica que a composição das narrativas se reduza ao problema da representação estática de dados referenciais. Destaca-se a subjetividade expropriada dos protagonistas, que resulta em uma espoliação psíquica grave, que surge nas narrativas — “Sabor de química” e “Dente de ouro” — de Jatobá e Figueiredo com uma representação sofisticada e valiosa para render frutíferas discussões acerca de suas temáticas e de seus arranjos formais.

Em vista disso, seguindo os passos de Safatle (2020), é importante reconhecer que “o trabalho nunca foi apenas uma questão de produção de riqueza e de valor”, conforme salienta o autor, esclarecendo ainda que “a dominação no trabalho não está ligada apenas à impossibilidade de os produtores imediatos disporem de sua própria produção e dos produtos por eles gerados” (SAFATLE, 2020, p. 160, 162), de modo que

a prática social do trabalho desenvolve formas de vida e modos de socialização e subjetivação interconstitutivos. Assim, a corrente teórico-crítica do Materialismo lacaniano se revelou como grande potencial cognitivo para avançarmos de modo profícuo em investigar a dialética ente forma literária e processo histórico-social, utilizando conceitos como a tríade Real, Simbólico, Imaginário, Significante-mestre, eu ideal, ideal do eu, supereu, sintoma social e grande Outro, que permitem aquilatar os personagens como expressões formais “do fracasso da subjetivação (por isso a marca lacaniana que o representa é o \$)” (ŽIŽEK, 2017, p. 269) do sujeito migrante na busca de contretização do seu desejo de melhoria de vida. Em conformidade com o filósofo esloveno, a “noção lacaniana do sujeito (\$)” implica “o limite interior que impede o campo simbólico de realizar sua plena identidade” (ŽIŽEK, 2017, p. 268), no caso dos protagonistas, em razão de uma lógica excludente própria à modernização periférica, autoritária e desigual da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: A representação da realidade na literatura ocidental. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CARDOSO, Adalberto Moreira. **A construção da sociedade do trabalho no Brasil**: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades. 2 ed. Rio de Janeiro: Amazon, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: Alterações e continuidades. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 109-143, 2021.

FIGUEIREDO, Rubens. **Contos de Pedro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FONTES, Paulo. Migração Nordestina e Experiências Operárias: São Miguel Paulista nos anos 1950. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (orgs.). **Culturas de classe**. Campinas: Unicamp, 2004.

JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Lazuli, 2006.

JATOBÁ, Roniwalter. **No chã da fábrica**: contos e novelas. São Paulo: Nova Alexandrina, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. Da partilha do sensível e das relações que estabelece entre política e estética. In: **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2005.

RICCIARDI, Giovanni. Roniwalter Jatobá. In: **Entrevistas com escritores de Minas Gerais**. Ouro Preto: UFOP, 2008.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2.ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANTOS, Wanderley Guilherme. **Cidadania e justiça**: a política social na ordem brasileira. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.

SCHWARZ, Roberto. **Sequências brasileiras**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SINGER, Paul. **Migrações internas**: Considerações teóricas sobre o seu estudo. Economia política da urbanização. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

SILVA, Ana Beatriz Ribeiro Barros. Acidentes, adoecimento e morte no trabalho como tema de estudo da História. In: OLIVEIRA, TB. (org.) **Trabalho e trabalhadores no Nordeste**: análises e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Campina Grande: EDUEPB, 2015.

SILVA, Marisa Corrêa. Materialismo Lacaniano. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.

VECCHI, Roberto. Literatura e Trabalho: Brasília como obra. In: RESESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRÓ, Ettore (Orgs.). **Possibilidades da nova escrita literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. **O mais sublime dos histéricos**: Hegel com Lacan. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

ŽIŽEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem**: o sublime objeto da ideologia. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Tradução de Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. **Em defesa das causas perdidas**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. **O absoluto frágil**: ou por que vale a pena lutar pelo legado cristão? Tradução de Rogério Bettoni. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

ŽIŽEK, Slavoj. **O sujeito incômodo**: o centro ausente da ontologia política. Tradução de Luigi Barichello. São Paulo: Boitempo, 2016.

ŽIŽEK, Slavoj. **Lacrimae rerum**: ensaios sobre o cinema moderno. 2.ed. Tradução de Isa Tavares e Ricardo Gozzi. São Paulo: Boitempo, 2018.

ŽIŽEK, Slavoj. **Interrogando o real**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.